

código de barras



Passeio Geral dos alunos do Colégio Salesiano "Santa Rosa" na praia das flechas, Niterói, c. 1904

Estácio de Sá chamava de Banda d'Além.
Aldeia de São Lourenço dos Índios. Terras de Araribóia.
Vila da Praia Grande de São Domingos.
Vila Real da Praia Grande. Vila da Praia Grande.
Nichteroy e suas várias grafias. Imperial Cidade de Niterói.
Capital fluminense. Cidade Invicta. Cidade Militar.
Cidade Operária. Cidade Marítima. Cidade Sorriso. Nikiti...



Praia das Flechas, Niterói, 1909

REALIZAÇÃO

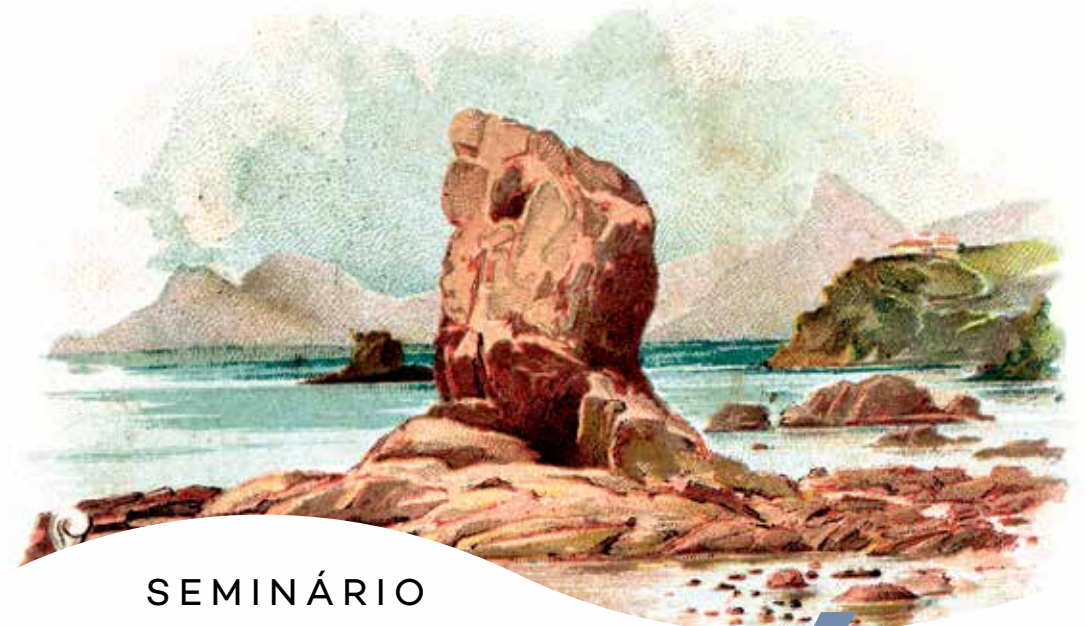
Secretaria de
Ciência, Tecnologia
e Inovação



APOIO



FOMENTO



SEMINÁRIO

NITERÓI

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E INOVAÇÃO

Org. Luiz Carlos Ramiro Junior e Maria Clara da Silva Machado

••• 25 e 26 de junho de 2024 •••

Clube Português de Niterói, Salão de Convenções

Com a apresentação da exposição
**Niterói em postais: paisagens, transformação,
ensino e religião**

Coleção de Breno Zarranz

REALIZAÇÃO

Secretaria de
Ciência, Tecnologia
e Inovação



FOMENTO





NITERÓI

PATRIMÔNIO, MEMÓRIA E INOVAÇÃO



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Cláudio Bomfim de Castro e Silva

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Anderson Moraes

CHEFIA DE GABINETE

Frederico Ricardo de Souza Oliveira da Costa

SUBSECRETARIA DE PROGRAMAS E CAPTAÇÃO DE RECURSOS PARA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO – SUBCAPP

Fabrcio Repsold Campos

SUBSECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR, PESQUISA E INOVAÇÃO – SUBESPI

Edgard Leite Ferreira Neto

SUBSECRETARIA DE COOPERAÇÃO COM O SETOR TECNOLÓGICO E INOVATIVO – SUBCOOP

Bianca Alencar dos Santos

SUBSECRETARIA DE POLÍTICAS PÚBLICAS E ENSINO TECNOLÓGICO – SUBPPET

Kleber Ferreira de Souza

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS FILHO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – FAPERJ

Jerson Lima e Silva

Evento realizado a partir de fomento aprovado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, FAPERJ, no edital de Eventos n. 06/2023.

RAMIRO JUNIOR, Luiz Carlos; MACHADO, Maria Clara da Silva (Org.).
Niterói: Patrimônio, Memória e Inovação. Niterói: Instituto Arrecife/FAPERJ, 2024.

ORGANIZAÇÃO

Luiz Carlos Ramiro Junior e Maria Clara da Silva Machado

PESQUISA

Luiz Carlos Ramiro Junior e Maria Clara da Silva Machado

IMAGENS CEDIDAS

Breno Zarranz

DIGITALIZAÇÃO E TRATAMENTO DE IMAGENS

Adilson Liporage | Edição da Imagem

REVISÃO ORTOGRÁFICA

Sílvia Bentes

DESIGN E DIAGRAMAÇÃO

Marcela Perroni | Ventura Design

IMAGEM DE CAPA

Cartão Postal da Pedra de Itapuca, Icaraí, Niterói, c. 1904

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Trio Gráfica e Editora



ÍNDICE

Apresentação	5
Seminário: Niterói: Patrimônio, Memória e Inovação	
Programação	6
Palestrantes	10
Especial: A igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói	16
por Marcus Tadeu Daniel Ribeiro	
Exposição: Niterói em postais: paisagens, transformação, ensino e religião	
Os cartões postais.....	33
Traços históricos de Niterói.....	35
Ensino e Religião	37
Paisagens Naturais.....	40
Transformações Urbanas	42
Niterói, o conhecimento e a projeção inovativa	45

No alto: Cartão Postal da Praça Martim Afonso (atual praça Araribóia), Centro, Niterói, c. 1949

Coroa mural de 8 torres douradas,
símbolo de cidade-capital

Cocar e flechas,
representando os Temininós

Coroa Imperial
de D. Pedro II

IHS – Anagrama da
Companhia de Jesus e
flechas, simbolizando a
Aldeia de São Lourenço

Roda dentada (indústria) e
Cetro de Mercúrio (comércio)

Fundação de Niterói

Elevação da vila à
categoria de cidade

Criação da Vila Real
da Praia Grande



Brasão do município de Niterói tem a forma do escudo ibérico, em detalhes



APRESENTAÇÃO

O Seminário *Niterói: Patrimônio, Memória e Inovação* é uma iniciativa que surgiu da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Rio de Janeiro (SECTI-RJ) e obteve o fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Originalmente projetado para comemorar os 450 anos de Niterói, o evento foi reconfigurado para refletir sobre suas memórias e projetar seu futuro.

A exposição “Niterói em Postais: paisagens, transformação, ensino e religião” apresenta uma coleção de cartões postais de Niterói, com foco em diferentes aspectos da cidade. Os temas incluem traços históricos, ensino, religião, paisagens naturais e transformações urbanas. Um dos cartões postais exibidos é da Pedra de Itapuca, em Icaraí, datado de cerca de 1904.

Além disso, o seminário conta com palestrantes e resumos, incluindo um especial sobre a Igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói, apresentado por Marcus Tadeu Daniel Ribeiro. O evento também explora a relação entre Niterói, conhecimento e inovação.

É uma oportunidade única para explorar a rica história e o potencial inovador dessa cidade-vanguarda no estado do Rio de Janeiro.

Luiz Carlos Ramiro Junior

Pendotiba – Niterói, 4 de junho de 2024

No alto: Valonguinho com vistas para o Centro de Niterói, a imagem provavelmente é anterior a 1914, pois ainda não aparece o Palácio dos Correios de Niterói

PROGRAMAÇÃO

PRIMEIRO DIA • 25 DE JUNHO DE 2024

09h30-10h30 – Credenciamento

10h30-11h – Mesa de Abertura

- **Anderson Moraes**, Sec. Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação (SECTI-RJ)
- **Allan Lyra**, Ex-assessor da SECTI-RJ
- **Maria Clara da Silva Machado**, Organizadora, SECTI-RJ
- **Luiz Ramiro**, Curador da **Exposição**, Assessor Especial da SECTI-RJ

11h-12h – Conferência de Abertura

- **Marcus Tadeu Daniel Ribeiro**, Prof. UFRJ e da Faculdade São Bento –
"A igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói: uma joia do Maneirismo brasileiro pouco conhecida".

MODERAÇÃO:

Maria Clara da Silva Machado, SECTI-RJ e Profa. da Faculdade São Bento



Cartão Postal panorama aéreo de Niterói, entrada da barra da baía de Guanabara, c. 1935

Ao lado: Icaraí, pedra de Itapuca, com fundo para a Ilha da Boa Viagem e o Rio de Janeiro ao fundo, c. 1907



12h-13h30 – Almoço

13h30-15h30 – Mesa redonda 1 – Memória e trajetória

Aspectos da trajetória de Niterói e aquilo que ficou na memória, como os pontos de transformação, o modo como a cidade se vê e se apresenta, e as novidades que marcaram época.

- **Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras**, CEIA-UFF e membro do IGHMB
- **Denise G. Porto**, PPGH – UNIVERSO e membro do IHGN e IHGRJ
- **Rubens Carrilho Fernandes**, membro do IHGN e servidor da Câmara de Vereadores de Niterói

MODERAÇÃO E COMENTÁRIOS:

Luiz Ramiro, SECTI-RJ e Instituto Arrecife

15h30-16h – Intervalo

16h-18h – Mesa redonda 2 – Tecnologia e Inovação

A inovação e a produção de conhecimento em Niterói, novas experiências e desafios, a tradição do município no âmbito educacional e as expressões relacionadas à engenharia e projetos inovadores.

- **Robson Hilário da Silva**, Professor universitário e CEO do CTSmart
- **Robson Oliveira**, Professor de Filosofia e Diretor do CTSmart
- **Paulo César de Araújo**, Escritor e Professor da Escola Técnica Estadual Henrique Lage – ETEHL/FAETEC

MODERAÇÃO E COMENTÁRIOS: **Allan Lyra**, ex-assessor da SECTI-RJ

PROGRAMAÇÃO

SEGUNDO DIA • 26 DE JUNHO DE 2024

10h-11h – Apresentação da Exposição Niterói: patrimônio, memória e inovação

- **Luiz Ramiro**, SECTI-RJ e Instituto Arrecife

11h15-12h – Conferência: A memória de Niterói através do Museu do Ingá

- **Profa. Neusa Fernandes**, historiadora e museóloga

12h-13h30 – Almoço

13h30-15h30 – Mesa Redonda 3 – Memória e destino

A mesa explora a arquitetura, urbanização e transformação do espaço natural de Niterói, alinhando memória histórica com inovações urbanas. A proposta é congregiar diferentes olhares sobre as transformações e os possíveis rumos da cidade fluminense.

- **Juceli Santos da Silva**, Pesquisadora e Mestranda na UFRRJ
- **Irma Lasmar Sirieiro**, Jornalista, Escritora e membro do IHGN
- **Renata Aymoré Gama**, Arquiteta, Historiadora e membro do IHGN

COMENTÁRIOS:

Deivid Antunes da Silva Pacheco, Historiador e presidente do IHGI



Ilha da Boa Viagem,
Niterói, c. 1930

15h30-16h – Intervalo

16h-16h20 – Sessão Especial – Vida portuguesa em Niterói e os 500 anos do nascimento de Luís de Camões

- Declamações de Tony Correia, ator e palestrante

16h25 – 17h25 – Palestra – A “Treme Terra” e Niterói: história da polícia fluminense

- Roberto César Medeiros Ferreira, Cel. RR PMERJ e Pesquisador

COMENTÁRIOS:

Abrahão Clímaco, Major da PMERJ e Coordenador do Segurança Presente Niterói

MODERAÇÃO: Luiz Ramiro, SECTI-RJ e Instituto Arrecife

17h30 – Mesa de Encerramento



Escola dos Salesianos em Santa Rosa, Niterói, antes da construção da Basílica, c. 1908

Icaraí Palace Hotel, Praia das Flechas, s/d





PALESTRANTES

Denise G. Porto – *“Uma cidade de muitas histórias: os cinquenta anos do Curso de História e do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói. 1973-2023”*

Em meio às comemorações dos 450 anos da fundação da cidade de Niterói no ano de 2023, uma história cinquentenária se destacou: a da fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e da criação do Curso de História nos idos de 1973. Em 31 de julho do ano de 1973, no contexto das comemorações do IV Centenário de Niterói, um grupo de 30 intelectuais reuniu-se para fundar o Instituto Histórico, ao mesmo tempo em que instituíram o Curso de História de Niterói. Para contar esta história recorreremos às publicações da instituição ao longo dos 50 anos de sua existência.

Irma Lasmar Sirieiro – *“Ponte Rio-Niterói: 50 anos”*

Único trecho sobre o mar da BR-101, a Ponte Presidente Costa e Silva ligou as capitais dos antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro e minimizou a distância entre os municípios fluminenses, trazendo benefícios sociais, culturais e econômicos. Antes, a travessia acontecia por balsas, algo insuficiente para a crescente população. Por cem anos, os governos preferiram e estudaram projetos de túnel. Com financiamento inglês, a obra durou 5 anos e envolveu 20 mil trabalhadores. De 5ª maior do mundo à 28ª posição atual, seus 14 km ainda são a maior via suspensa do hemisfério sul.

No alto: *“Cidade Sorriso”, três jovens na praia de Icaraí, c. 1940*

Juceli Silva – *“Estudo do primeiro prédio administrativo da região do Porto de Niterói”*

Essa pesquisa tem como objeto de estudo o primeiro prédio administrativo, erguido na cidade de Niterói (RJ), na região do Porto, inaugurado em 2 de outubro de 1929. Construído para abrigar repartições da administração estadual fluminense, na ocasião em que a cidade foi capital do estado do Rio de Janeiro. Inicialmente funcionou no espaço do prédio o Instituto de Fomento à Economia Agrícola do Estado do Rio de Janeiro (IFEA-RJ), que foi fundado em agosto de 1926, pelo chefe do executivo local Feliciano Pires de Abreu Sodré para a política da defesa cafeeira. Os governos estaduais ficaram responsáveis por esta instituição que funcionou até 1931 quando foi extinta. É, então, inaugurada a Secretaria de Agricultura e Trabalho. Este prédio teve sua vida útil de 2 de outubro de 1929 a dezembro de 2015, quando o prédio foi completamente desocupado pelos órgãos públicos. Desde que deixou de ser ocupado por repartições públicas, o edifício histórico ficou exposto à deterioração, mesmo tendo sido reconhecido como bem cultural pelo tombamento em nível municipal em 1994.

Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras – *“Guerra, Paz e a Fundação de Niterói: Para onde vai essa memória e o seu patrimônio?”*

Vencidos tamoios e franceses pelos portugueses e temiminós, o embate pela baía da Guanabara está na raiz do mito fundador de Niterói, que de Nictheroy, mergulha na Vila Real de Praia Grande e alcança a Aldeia de São Lourenço dos Índios como está inscrito na bandeira do município. Os caminhos e des-caminhos dessa memória e da construção da identidade local através de seu patrimônio é o que nos propomos a examinar e refletir.

Marcus Tadeu Daniel Ribeiro – *“A igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói: uma joia do Maneirismo brasileiro pouco conhecida”*

A Igreja de São Lourenço dos Índios é um exemplar da produção artística da fase *Missioneira* dos mais relevantes no contexto da arte dos primeiros tempos da época colonial em todo Brasil. Sua importância se assenta não exatamente na sua ancianidade, mas na qualidade artística tanto da arquitetura, quanto dos bens integrados e da sua imaginária. A arte brasileira logo demonstraria que, embora viesse esquadrihada pelas normas e tratadísticas europeias, estava aberta ao olhar da população nativa, que iria participar da sua produção nas oficinas criadas pelos padres jesuítas às vezes sob condições as mais difíceis possível.

Neusa Fernandes – *“A memória de Niterói através do Museu do Ingá”*

O Palácio do Governo do Estado do Rio de Janeiro foi construído em 1860, por iniciativa do médico José Martins da Rocha, político filiado ao Partido Liberal e com prestígio na comunidade niteroiense, para ser sua residência. Ali viveu até o seu falecimento, ocorrido em 1896. Já então o prédio estava hipotecado ao ex-deputado provincial Adolfo Vitório da Costa que o ofereceu à viúva e filhas do proprietário a quitação da dívida, permitindo, assim, a venda do palacete ao industrial José Francisco Correa, depois Conde de Agrolongo. Em 20 de junho de 1904, o palácio foi adquirido pelo governador Nilo Peçanha, para ser residência oficial dos chefes do Executivo fluminense e recebeu o nome do governador que o adquiriu. O Palácio abrigou 43 governadores de Estado, abrigando, assim, grande parte da história de Niterói. Em 1975, com a Fusão dos Estados da Guanabara e do Rio de Janeiro e transferida a capital, o Palácio perdeu sua finalidade política e foi entregue à FEMURJ para sediar o Museu Histórico do novo Estado do Rio de Janeiro.

Rubens Carrilho Fernandes – *“O papel vital do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Niterói”*

Na mesa redonda sobre “Patrimônio, Memória e Inovação”, discutiremos o papel vital do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Niterói na preservação, restauro e pesquisa da história política da cidade. O nosso Arquivo abriga cerca de 3 milhões de páginas, desde a primeira Ata de 1819 até os dias atuais, constituindo uma rica fonte de informação para estudiosos e a comunidade acadêmica que deseja explorar como esse patrimônio documental reflete as transformações políticas e sociais de Niterói ao longo dos séculos. Abordaremos as técnicas de restauro utilizadas para preservar a integridade física dos documentos e impedindo sua deterioração. A digitalização dos arquivos, uma inovação crucial, será destacada por facilitar o acesso e a disseminação do conhecimento. Também discutiremos o incentivo à pesquisa histórica proporcionada pelo Arquivo, que dá acesso a uma vasta gama de dados essenciais para compreender o desenvolvimento político da cidade. A apresentação foca, em suma, em destacar o papel do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Niterói na conservação do passado, mas também na conexão de gerações presentes e futuras com raízes históricas e políticas, impulsionando o entendimento e a valorização da história local.

Paulo Cesar de Araújo – *“Escola Henrique Lage – breve histórico”*

A palestra abordará o centenário da Escola Técnica Estadual Henrique Lage, localizada no Barreto, atualmente integrada à Rede Faetec. Fundada em dezembro de 1923, é uma instituição pública de ensino integral que vem fazendo história na educação brasileira. Surgiu com o nome de Escola Profissional Washington Luís (posteriormente Escola do Trabalho), sendo renomeada para Henrique Lage em 1941, em homenagem ao grande industrial recém-falecido. A escola é fruto da atuação de pioneiros da educação brasileira, como Everardo Backheuser e Amerino Wanick, ambos engenheiros, mas antenados com a moderna pedagogia da Escola Nova. Ao longo de um século de existência, a Escola Henrique Lage refletiu as transformações pelas quais passaram a cidade de Niterói, o estado do Rio e o próprio Brasil. Nesse sentido, veremos que ela é um espelho de tudo que acontece com o país.

Renata Aymoré Gama – *“Arquitetura Religiosa de Niterói: Tesouros do Século XVI ao XIX”*

O estudo da arquitetura religiosa em Niterói entre os séculos XVI e XIX destaca importantes construções: São João de Carahy, São João Batista (Centro) e o cemitério do Maruí. A antiga igreja de São João de “Carai” tem sua história envolta em mistério, com sua construção e demolição incertas. A igreja foi substituída por uma nova matriz dedicada a São João Batista em 1820, sob ordens de Dom João VI. O Cemitério do Maruí, originalmente uma fazenda, foi transformado em cemitério em 1853 e inaugurado em 1855 durante a epidemia de cólera. A Capela de São Pedro ganhou destaque após a revolta armada de 1893-1894 por abrigar a celebração eucarística anual em sufrágio dos falecidos durante a revolta. Um elemento bastante relevante é o rico elenco de personalidades da história brasileira e fluminense que lá repousam, dentre eles o herói niteroiense General Luís José da Fonseca Ramos. Há ainda um epitáfio escrito pelo poeta germânico Vitor Hugo dedicado ao seu amigo de exílio o francês Ribeyrolles.

Roberto César Medeiros Ferreira – *“A ‘Treme-Terra’ e Niterói”*

Entre 12 de agosto de 1834 e 15 de março de 1975, existiu a Província (posteriormente em razão da República, Estado) do Rio de Janeiro, totalmente independente do que na época era a Corte Imperial (e viria se tornar o Estado da Guanabara). Dentro desta existência, desde os primórdios da província, vemos a existência de diversos órgãos da administração pública. Dentro desse pan-

teão de instituições, encontramos a “Treme – Terra”: A Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMRJ), cuja história entremeia-se em diversos episódios, com a do Estado do Rio de Janeiro e até do Brasil. Nesta singela apresentação, buscaremos abordar e apresentar de forma geral, o que historicamente foi esta instituição e em especial a sua relação com o antigo Estado do Rio de Janeiro e a cidade de Niterói.

Robson Hilário da Silva – *“A vocação educacional de Niterói e a inovação tecnológica”*

A vocação educacional do município de Niterói é um diferencial e nos coloca em uma posição privilegiada na busca da criação de um ambiente inovador. Nosso município precisa continuar trilhando o caminho rumo a um ambiente que permite acadêmicos, empresários, poder público, investidores e toda a sociedade pensar, desenvolver, testar e implantar soluções inovadoras que irão desenvolver economicamente nosso município e facilitar a vida de todos. Nessa união de diferentes agentes um Instituto de Ciência e Tecnologia como o CTSMART tem um papel fundamental e se propõe a transformar o conhecimento que está nas universidades em produtos inovadores, com apoio dos demais entes envolvidos e com os incentivos fiscais do poder público. Com o conhecimento produzimos produtos inovadores e levando esses produtos para o mercado alcançamos os recursos necessários para produzir mais conhecimento.

Robson Oliveira – *“Tecnologia e Humanidade: Um Equilíbrio Necessário”*

Na era contemporânea, as ciências experimentais são vistas como a solução para as grandes questões da vida. A Inteligência Artificial, vista por alguns quase como uma nova divindade, encarna a esperança de um futuro melhor. No entanto, é essencial lembrar o passado recente. A tecnologia deve sempre ser uma aliada da humanidade, não uma ameaça. Devemos ser cautelosos e garantir que a IA seja utilizada de maneira a preservar os bens da humanidade. A história nos ensina a necessidade de equilibrar inovação tecnológica com prudência para evitar que se torne uma fonte de perigo. É preciso fazer MEMÓRIA disso.

Tony Correia – “Vida portuguesa em Niterói e os 500 anos do nascimento de Luís de Camões”

Niterói com o bairro Portugal Pequeno – à beira mar – com a Praça Portugal onde azulejos azuis falam de Fernando Pessoa e com o Clube Português que mantém as tradições populares é uma memória viva e reflexo daquele jardim à beira-mar plantado – lá onde a terra acaba e o mar começa... “Da minha língua vê-se o mar”, diz Virgílio Ferreira. Pessoa reforça “a minha pátria é a língua portuguesa”... a chamada Língua de Camões! Camões de quem celebramos os 500 anos de nascimento! Assim, unidos pelo mar, pela mesma língua e pela poesia, demos voz aos poetas e cantemos a memória de nossos avós, aqueles que por obras valorosas se vão da lei da morte, libertando! Na apresentação serão declamados poemas de *Luís de Camões*, *Fernando Pessoa*, *Manuel Bandeira*, *Casimiro de Abreu*, *Augusto Gil* e *Carlos Drummond de Andrade*.



Beneficência Portuguesa –
Hospital Santa Cruz de Niterói,
pertencente à Sociedade Portuguesa
de Beneficência
de Niterói – SPBN, c. 1950

Ao lado: Praia de São Francisco,
Niterói, c. 1940



ESPECIAL

A igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói: uma joia do Maneirismo brasileiro pouco conhecida

Marcus Tadeu Daniel Ribeiro (UFRJ)

A Helena Mendes dos Santos

Questões históricas

A colonização do Brasil foi uma obra sobretudo religiosa, a despeito das implicações econômicas sempre inerentes a esse processo histórico. Toda a criação artística estaria a serviço dessa ideia, premente para os religiosos, de produzir objetos de função litúrgica ou para uso doméstico das famílias cristãs no território brasileiro.

Isso não aconteceu apenas no Brasil. Em toda Europa, o papel da igreja no longo trajeto civilizacional foi determinante, cabendo a ela a criação de escolas, sobretudo a partir de Carlos Magno (742-814), universidades, hospitais, leprosários, orfanatos, asilos, ordens terceiras e irmandades, onde a previdência social era exercida. Tudo isso era feito sem o concurso direto do Estado, a não ser pelas prerrogativas do regime do padroado, que subordinava a Igreja ao rei.

É sempre importante lembrar que o Estado absolutista só era forte quando visto pela sua tendência à intolerância, mas não estava presente na vida de seus súditos, assistindo-os. Isso foi sempre uma obra, deve-se reconhecer, da Igreja Católica. Apenas a partir da modernização do Estado absolutista, onde a mentalidade de ser o rei o primeiro funcionário público, aconteceu a criação dos escritórios (os *bureaux*) e, assim, a burocracia destinada a atender o povo em suas demandas mais essenciais.

As atividades de escambo levadas a efeito pelos comerciantes ao longo dos primeiros anos por toda orla marítima eram pouco relevantes em termos de influência cultural, se comparadas à ação de catequese então a cargo dos franciscanos e, especialmente, dos jesuítas.

A historiografia tem-se reportado à ação de dominação e de exploração das riquezas da terra e de seu povo, onde a Igreja faria parte desse processo de usurpação. Mas é preciso se atentar para o fato de o olhar do jesuíta ser soteriológico – a salvação era o desiderato perseguido pelos religiosos aportados ao Novo Continente, imbuídos da missão de evangelização. É preciso se olhar

para esse tempo com os olhos dos religiosos que vinham semear a boa nova no Novo Mundo. Isso porque o historiador, não raro, quer ver o passado sob as lentes críticas de teorias muito posteriores ao acontecimento dos fatos. É na obra de Maurice Halbwachs que o assunto aparece com uma clareza radiosa.

"Para sentir o espírito de um tempo que não existe mais, para se fazer contemporâneo dos homens de antigamente... a dificuldade não está tanto naquilo que é preciso saber, mas naquilo que é necessário não saber mais. Se verdadeiramente queremos viver no século XV, devemos nos esquecer de algumas coisas: ciências, métodos, todas as aquisições que nos fazem modernos! Devemos esquecer que a terra é redonda e que as estrelas são sóis, e não lâmpadas suspensas a uma abóbada de cristal, esquecer o sistema do mundo de Laplace para só acreditar na ciência de São Tomás, de Dante e nos cosmógrafos da Idade Média que nos ensinam a criação em sete dias, e a fundação dos reinos pelos filhos de Príamo, depois da destruição da grande Tróia".¹

Fora dessa perspectiva, a mentalidade motriz da ocupação do solo pelo colonizador português era aquela reportada por Sérgio Buarque de Holanda em sua *Raízes do Brasil*:² os primeiros brasileiros eram *aventureiros*, sem qualquer laço que os prendesse à terra e objetivando tão-somente o enriquecimento rápido para seu regresso a Portugal, onde eram logo chamados de *brasileiros* – aqueles portugueses ocupados com as coisas do Brasil. Porque *eiro* é um sufixo que designa uma ocupação humana – ferreiro, santeiro, relojoeiro, pedreiro, brasileiro –, uma profissão e não um estado de origem. A rigor, a considerar nossa identidade pela nossa origem, seríamos *brasilianos*, como nos chamam outros povos: *brazilian* os ingleses, *brésilien* os franceses, *brasiliano* os italianos, *brasileño* os espanhóis.

Assim também nasce a "arte brasileira" – ela não sendo exatamente nativa da terra, tem suas origens, todavia em Portugal e acaba por medrar em território nacional dentro das especificidades históricas e culturais da terra. Porque os jesuítas criaram oficinas onde o nativo atuava e cujo olhar acabava por impor seu modo de perceber o mundo que se descortinava diante de seus olhos.

Quando se analisa o que se produziu no Brasil durante esses anos primevos da colonização do país, percebe-se que, a despeito de não se ter uma arte absolutamente autóctone fora do universo etnográfico indígena, já se revelava um

1. Apud HALBWACHS, Maurice, *Les cadres sociaux de la mémoire*, 1994. p. 86-87

2. Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: José Olympio, 1936.



Frei Agostinho da Piedade (1580-1661) Santana Mestra, c. 1635, terracota, 82 x 50 x 38 cm, originária da Bahia, Mosteiro de São Bento, SP. Foto do autor

caráter brasileiro nessa produção ainda impregnada da cultura europeia, não por perseguir uma especificidade peculiar ao Brasil, mas porque se trate de uma arte feita a quatro mãos, uma arte decorrente do tirocínio de se fazer o Brasil, uma arte que está "a caminho", algo em construção, onde europeus e americanos atuam solidariamente nesse processo.

Desde o princípio, o olhar indígena, a quem a produção artística é endereçada e confiada, se fez presente nessa construção cultural. Isso não se restringe aos artistas jesuítas. Veja-se como exemplo diserto a escultura "Santana Mestra" de Agostinho da Piedade (1580-1621), um monge beneditino, onde Santana aparece com Nossa Senhora infanta protegida no seu regaço, numa postura que apenas as índias brasileiras usavam para cuidar dos filhos. Em todas as demais representações de Santana Mestra, Nossa Senhora menina aparece em pé ao lado de Santana, que tem suas pernas pudicamente fechadas numa atitude mais conveniente à figura da avó do

Salvador. A Santana Mestra do frei Agostinho da Piedade, inusitada para o cânon católico, parece ter rompido com as práticas de representação que outros artistas usariam no Brasil e no estrangeiro.

Ser brasileiro nesses anos de fins do século XVI e início da centúria subseqüente é ser, por assim dizer, oceânico, como soem ser as coisas de Portugal. Não é por acaso que cidades como Rio de



Luiz Teixeira, Roteiro de todos os sinais (1573-8), In: COARACY, Vivaldo. O Rio de Janeiro do século XVII. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965

Janeiro, Niterói e ainda outras litorâneas, como Salvador e Olinda, são voltadas para o mar, com suas edificações mais importantes, quer dizer as igrejas, como também as fortalezas, essas por razões estratégicas, debruçadas sobre o oceano. Os primeiros panoramas da cidade do Rio de Janeiro, aliás, são tomados do tombadilho dos navios fundeados na baía de Guanabara. Os mapas às vezes destacam esse aspecto também, como o do cartógrafo Luiz Teixeira Albernaz (ativo séc. XVI e XVII): o centro da cidade é a Baía de Guanabara.

As fases da arte colonial

Essa primeira fase da época colonial deve ser compreendida entre os anos de 1549, quando é fundado o governo geral em Salvador na Bahia, e 1640, quando a dinastia portuguesa é restaurada após o interregno da União Ibérica, iniciado com a morte do rei Dom Sebastião sem deixar herdeiro, provocando uma crise sucessória com desdobramento no encerramento da dinastia de Aviz.

Essa datação foi proposta por Robert Smith³ (1918-1975), um historiador da arte referência na bibliografia especializada da época colonial, ao lado de outros estrangeiros interessados pela arte colonial brasileira, como Hanna Levy (1912-1984), Pietro Maria Bardi (1900-1999), John Bury (1917-2017), Germain Bazin (1901-1990).

Essa datação tem sido utilizada em trabalhos de outros autores que a consideram um clássico na historiografia da arte colonial brasileira, como foi o caso de Benedito Lima de Toledo em seu estudo "Do século XVI ao XIX: maneirismo, barroco e rococó",⁴

O período colonial, para Robert Smith, estende-se por três momentos cronológicos cuja delimitação decorre de condições político-históricas específicas: a chamada fase *Missioneira*, a primeira, já referida acima como perdurando de meados do século XVI ao XVII, é caracterizada pela escassez de recursos materiais para atender às demandas do projeto da catequese do índio. Nesse período, as edificações religiosas são de menor escala, com soluções mais austeras e determinadas por um vocabulário estilístico maneirista.

3. Cf. SMITH, Robert Chester. *Robert Smith e o Brasil*, In REIS FILHO, Nestor Goulart. (org.) vol.1 - Arquitetura e Urbanismo. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/robert_smith_e_o_brasil_vol1_parte1.pdf, acesso em 31 maio 2024. Smith, Robert Chester. *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo* / Robert Chester Smith; organização, Nestor Goulart Reis Filho. Brasília, DF : Iphan, 2012. 376 p. : il. ; 26 cm

4. TOLEDO, Benedito Lima de. *Do século XVI ao XIX: maneirismo, barroco e rococó*. In ZANINI, Walter. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Fundação Walter Moreira Salles, 1983. 2 vol. il. (pp. 88-319).

A segunda etapa ficaria conhecida como *Monumental*, estendendo-se de 1640, ano da restauração da dinastia portuguesa, até 1750, quando se assinou o tratado de Madri, com reflexos diretos na ação dos jesuítas, interrompendo-a por completo pouco depois. Por esse tratado, a Companhia de Jesus deixaria de ser o braço da ação catequética da Igreja Católica no Brasil, encerrando o período da Contrarreforma após a sua expulsão em 1759 de todos os domínios portugueses no mundo. Nessa etapa, os recursos materiais aparecem de forma pujante, alavancados por uma economia agrário-exportadora, nomeadamente a açucareira, e pela descoberta do ouro nas Minas Gerais no final do século XVII. Esse excesso de recursos atenderá aos caprichos do poder absolutista, que se mostra pregoeiro de um exibicionismo tão ao gosto da estética barroca.

A terceira e última fase será chamada pelo historiador estadunidense de *Mundana*. É um momento onde os recursos materiais sobejam no contexto socioeconômico colonial, mas onde não existe mais aquela demanda da conversão das almas apontada pelos defensores da Contrarreforma. O estilo Barroco vai perdendo muito lentamente sua força estilística, enquanto a estética *rocaille* se afirma principalmente nas cidades como Rio de Janeiro e naquelas outras inscritas no circuito do ouro de Minas Gerais. O Rococó, com sua delicadeza feminina e graciosidade mundana já não serve à ação da catequese por estar historicamente dissociado da Contrarreforma. É um estilo marcado também pelos excessos barrocos, mas indiferente à ideia da salvação. Ainda nesse período, começa a se afirmar também um neoclassicismo de transição, mesmo antes da chegada da Missão Artística de 1816, sendo aliás uma tendência que se percebe tanto na Literatura quanto na Música.

A igreja de São Lourenço dos Índios (Niterói, RJ)

A igreja de São Lourenço dos Índios é uma das mais antigas edificações religiosas existentes em toda região sudeste. Em novembro de 2001, o prefeito da cidade escreveu, no catálogo relativo à restauração do imóvel sob a coordenação do artista e restaurador Claudio Valério Teixeira (1949-2021), então presidente da Fundação de Arte de Niterói (FAN) e coordenador do Núcleo de Restauração do Teatro Municipal, que a edificação poderia ser vista como uma "representação simbólica da fundação da cidade de Niterói". Nessa restauração atuou também o artista argentino Domingo Isaac Tellechea, incumbido da recuperação do retábulo do presbitério.⁵

5. SILVEIRA, Jorge Roberto. [Apresentação] In: NITERÓI. Restauração da Igreja de São Lourenço dos Índios. Niterói: Prefeitura de Niterói; Ministério da Cultura, 2001.

As palavras do prefeito são verdadeiras e tal reconhecimento já havia sido feito sete anos antes do arrasamento do Morro do Castelo na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (1922), onde se localizavam as igrejas do Colégio dos Jesuítas e a de São Sebastião, a velha Sé. O prefeito niteroiense Manoel Otávio de Souza Carneiro (ativo no início do séc. XX) mostrou-se inteiramente empenhado na preservação da igreja de São Lourenço dos Índios, testificando uma atitude verdadeiramente pioneira para sua época. Enquanto isso, a igreja dos jesuítas do Morro do Castelo, também construída sobre um outeiro na mesma época da de Niterói, seria destruída em 1922 e ninguém fez nada de efetivo para tentar salvá-la.

Na época do arrasamento do Morro do Castelo, especulava-se sobre a existência de um tesouro escondido pelos jesuítas na colina fortificada, mas nada foi encontrado. Arrasou-se o morro inteiro, destruíram-se as duas igrejas, a fortaleza, o casario multissecular da localidade e o arruamento de traçado radiocêntrico de herança medieval existente ali. O tesouro, a rigor, estava bem na frente de quem tivesse olhos para ver: era a própria igreja multissecular dos jesuítas (a de São Sebastião estava bastante alterada), com suas obras de talha maneiristas e suas imagens anciãs, que a cegueira do falso progresso destruiu. Alegava-se ser necessária a remoção do morro para melhorar a ventilação da cidade com a “viração”, vento vindo mar no cair da tarde. Depois, construíram, no lugar, arranha-céus muito mais altos do que o morro...

Martim Afonso de Souza tomou posse de sua sesmaria, formando com os jesuítas o Aldeamento de São Lourenço dos Índios em novembro de 1573. Esse aldeamento incorporou a pequena capela em taipa – uma edificação primitiva que deu lugar a outra construção, inaugurada em 1568. Por volta de 1627, a ainda pequena capela foi substituída pelos jesuítas por uma construção mais sólida em pedra e cal. No ano de 1769, houve uma reforma que alterou a volumetria da fachada, mantendo as características jesuíticas e em 1866, a igreja passou a pertencer à Mitra de Niterói.

Esse templo é um testemunho de que o processo de colonização teve as suas idas e vindas, demonstrando que houve uma estratégia de sobrevivência dos índios no local, que se aliaram aos portugueses e, na sequência, aos jesuítas. Mas esses, de tanto ferir os interesses do Estado monárquico português, como também daqueles interessados em adquirir mão-de-obra escrava, acabariam sendo perseguidos e depois expulsos do Brasil e demais possessões portuguesas, por decreto de 3 de setembro de 1759, assinado pelo Conde de Oeiras, futuro Marquês de Pombal (1699-1782).

Depois da expulsão dos jesuítas, a igreja de São Lourenço passou ao domínio diocesano até que, em 1915, o prefeito Manoel Otávio solicitou a incorporação do templo ao patrimônio da municipalidade por entender ser ele um marco eloquente de fundação da cidade.

Isso tudo aconteceu antes de o governo federal criar o Serviço, hoje Instituto, do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1936 e, na sequência, organizar a proteção do patrimônio cultural brasileiro com a assinatura do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Uma das primeiras medidas tomadas pelo IPHAN após sua criação foi o tombamento da Igreja de São Lourenço dos Índios,⁶ embora ela já estivesse protegida desde que o imóvel passara a ser próprio do município.

A arquitetura jesuítica constitui-se num dos traços mais marcantes da influência da cultura europeia no Brasil nos momentos iniciais de sua ocupação. Ela não será a única forma de manifestação da arquitetura religiosa no continente americano, mas terá importância por reproduzir, de maneira disciplinada, as soluções, características e partidos arquitetônicos europeus trazidos ao Brasil nessa época.

Deve-se tributar à arquitetura dessa época a característica verificada com alguma frequência na colônia, não apenas na jesuítica, como também nas obras de outros ordens religiosos ou paroquiais, de se fazerem templos com o exterior bastante simples – linhas retas, soluções ortogonais, frontões triangulares, contrastando com um interior quase sempre ricamente adornado. Isso acontece na Igreja de São Lourenço dos Índios também.

Esse contraste entre a fachada simples e o interior do templo requintado era permeado de significações: por um lado, alimentava o próprio gosto barroco que se avizinhou pautado frequentemente pelas soluções contraditórias na arte, na literatura, na música; por outro, o contraste entre a simplicidade exterior do templo e seu interior radioso servia de metáfora ao ideal desejado para o homem cristão, simples na sua aparência física, mas rico do ponto de vista espiritual.

Antes de se construir essa igreja, houve uma outra no mesmo local, de dimensões mais modestas, feita em 1568, talvez em taipa de pilão, segundo aponta Germain Bazin. Ela foi substituída em 1627 pela atual igreja, que é de pedra e cal. Em 1769, o templo passaria por uma reforma, mas suas linhas primordiais permaneceriam, pois ainda segundo o historiador da arte francês, “a fachada, muito simples, é a de um templo do século XVII”.

6. Número do Processo: 163-T-1938, Livro do Tombo Histórico: Inscr. nº 247, de 12/10/1948

São Lourenço mártir

Ao se olhar a fachada do imóvel, entende-se porque se fala em simplicidade e em austeridade como forma de se entender o espírito dos jesuítas, ordem religiosa criada em 1540, no apogeu do pensamento racionalista da Renascença. Em todos os vãos do pano principal da fachada predominam as linhas retas, a linguagem geométrica, a razão. As três janelas do coro de cima e a portada, trabalhadas em pedra de cantaria, integram-se com o traçado que esquadrinha a cornija e as linhas superiores do frontão triangular, em cujo tímpano vê-se um óculo circular.

Na Igreja Católica, os santos mártires (Santa Inês, Santa Luzia, São Lourenço, Santo Estêvão e outros) têm por atributo iconográfico uma palma numa das mãos e, na outra, a referência ao martírio de que o santo viria a padecer. A palma não é símbolo exatamente do martírio, senão da vitória – vitória da fé sobre a heresia, do amor sobre o ódio, da vida espiritual e de sua eternidade sobre o caráter breve e contingente da vida mundana.

São Lourenço (225-258) era um diácono nascido em Valência que servia ao 24º papa Sisto II (morto em 258), estando incumbido de guardar os livros onde constava o patrimônio até então ajuntado pela Igreja.⁷ Lourenço estava também incumbido da distribuição das esmolas aos pobres. O imperador romano era Valeriano (200-260 d.C.), que decretou, em 257, a perseguição aos cristãos, mandando prender e decapitar o papa Sisto II já no ano seguinte, evento em que o santo espanhol o acompanharia solidariamente dizendo-lhe palavras de encorajamento. Três dias depois do martírio de Sisto II, foi a vez de Lourenço, que se recusou a entregar, ao Império Romano, os requeridos livros, irritando Valeriano, que mandou pôr o diácono sobre um braseiro, razão porque aparecem sempre as representações do santo segurando uma grelha, além da palma.

Em frente a essa edificação religiosa, há um tratamento paisagístico interessante, aparentemente alusivo ao martírio do santo espanhol. As folhas dos coqueiros que adornam o frontispício do imóvel se assemelham deveras às das palmeiras e congêneres, já que o coqueiro é também considerado um tipo de palmeira, levantando assim a hipótese de ser tal coqueiro uma alusão à forma com que teria morrido o santo. Mas a consulta feita ao restaurador Cláudio Valério esclareceu que o coqueiro constante na fachada fora ali plantado na época da restauração como tratamento paisagístico por um arquiteto da prefeitura que não conhecia tal detalhe hagiográfico.

7. TERRA SANTA. História de São Lourenço. Disponível em <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lourenco/152/102/>, acesso em 05 maio 2024.

O templo

O aspecto do templo é austero. Não há concessões ao virtuosismo barroco que já na Europa dessa época se desenvolvia e aqui viria depois marcar, com suas curvas profusas, a fase artística posterior, especialmente em outras ordens religiosas, como a franciscana ou mesmo algumas igrejas carmelitas e paroquiais.

Apenas os vãos do campanário, incorporados à superfície do pano da fachada, apresentam-se arrematados

por arcos de meio ponto, quebrando a preponderância de linhas retas do edifício. A esse campanário chega-se pela escada lateral, cujo acesso se faz pelo lado de fora do templo, subindo-se em linha reta até alcançar o coro de cima da igreja.

A presença do campanário rompe a simetria do imóvel e empresta algum dinamismo à fachada, o que faz imaginar que talvez tenha sido acrescentado ao edifício em época posterior do século XVII e não por ocasião da sua construção. Na fase maneirista prevalecia ainda uma tendência clássica na arquitetura, onde o senso de equilíbrio e de estabilidade predominavam. A inclusão de um prolongamento da fachada, rompendo com a simetria e, portanto, com o equilíbrio, parece atender mais ao gosto barroco, porque institui uma desigualdade que tanto caracterizara uma época marcada pela ambiguidade e pelo dinamismo, como foi a segunda metade do século XVII e boa parte do XVIII no Brasil.

Durante os trabalhos de restauração desenvolvidos entre 1999 e 2001, foram encontrados vestígios no prédio de que a sua forma original de fato não possuía aquele prolongamento do frontispício. É provável que ele tenha sido feito em época posterior e que a reforma de 1769 achou por bem respeitá-lo, conforme recomenda as cartas de Atenas (1931) e de Veneza (1964).

A planta da igreja caracteriza também o programa arquitetônico utilizado pelos jesuítas no início da colonização para edificações dessa natureza, nomeadamente na "fase *Missioneira*", que ocorre nos primeiros anos da colonização: no templo, é adotada a nave única com acesso pela portada da fachada principal ou pelo lado do Evangelho (lado direito); sobre a entrada do templo, há um *coro de cima*, elemento arquitetônico introduzido nas igrejas católicas após o Concílio de Trento (1545-1563); no outro extremo da nave, encontra-se



Igreja de São Lourenço dos Índios de Niterói – fachada. Foto do autor

a capela-mor, também chamada de *presbitério*, onde se situa o altar-mor e o retábulo correspondente,⁸ que domina a atenção dos fiéis; uma sacristia lateral está anexada ao corpo da capela-mor. No caso da igreja de São Lourenço dos Índios, a sacristia estende-se por um trecho ao longo do corpo da igreja pelo lado da Epístola, cômodo que talvez tenha servido como residência paroquial.

Quando se entra no templo, não se pode deixar de reparar na simplicidade do espaço, onde várias épocas concorrem de maneira harmônica e graciosa para constituir um ambiente próprio à devoção. A riqueza artística da capela-mor contrasta com a simplicidade da nave, atingida por algumas perdas, como o teto, por exemplo.

Com relação às pinturas da época colonial, restam aquelas parietais circundantes do retábulo situado do presbitério, o painel de Nossa Senhora da Assunção no arremate superior do retábulo, bem como aquelas outras existentes no arco-cruzeiro, que separa a nave central da capela-mor. A pintura do arco-cruzeiro apresenta motivos decorativos típicos do século XVIII, com rocalhas estilizadas, já ao gosto da fase inicial do Rococó. Devem ter sido acrescentadas pela época da reforma de 1769.

Os anjos pintados na parede e situados em torno do retábulo da capela-mor parecem ser da mesma autoria do autor da pintura de Nossa Senhora da Assunção, feita no painel superior da obra de talha. Percebe-se isto pela afinidade de desenho entre a pintura parietal e a do retábulo, demonstrando que se tratava de artista com traço educado na tradição da produção pictórica conventual dos seiscentos ou dos setecentos. A pintura revela um gosto barroco, podendo-se perceber a intensidade das cores utilizadas, o recurso do contraste luminoso no painel central e certo dinamismo na composição da obra, características que se relacionam ao estilo da Contrarreforma.

O retábulo do altar-mor encanta o visitante por sua erudição clássica e riqueza contida. Os colunelos duplos da ordem coríntia, de fuste sutilmente estriado, enquadram o nicho onde está a imagem do santo, fazendo-nos lembrar das formas arquitetônicas em que o vocabulário clássico soa à maneira dos tratadistas da arquitetura dos fins do Renascimento, podendo parecer um tanto excessivo, como na fachada de Il Gesù, edifício que se afasta do rigor e

8. Apesar de seu uso ser corriqueiro, deve-se evitar o termo “retábulo-mor” para se designar a parte do bem integrado que se eleva por detrás do altar-mor e que tem (este sim) importância religiosa superior em relação a todos os demais da igreja, por ser de onde o celebrante conduz a liturgia. O retábulo não tem, por assim dizer, estatuto religioso. Sua tradução literal seria *atrás da mesa*. O altar – uma pedra escondida ou parcialmente aparente na mesa sagrada – é que é o lugar sagrado.



Retábulo do altar-mor, com a imagem de São Lourenço. Foto do autor

da pureza renascentistas exatamente pelo inusitado das pilastras, frontões e cornijas dobrados. O edifício religioso de Il Gesù é analisado pelo historiador da arte britânico John Summerson em sua obra "A linguagem clássica da arquitetura",⁹ que percebe um gosto maneirista, com a preponderância da linguagem clássica.

A sua douração, da mesma maneira que aconteceu em outras igrejas fluminenses, foi feita a partir do início do século XVIII, com a descoberta do ouro nas Minas Gerais. Originalmente, a obra deveria ser policromada, com a predominância de um fundo verde escuro e motivos fitomórficos policromados. Durante o século XX, uma intervenção pouco criteriosa no retábulo removeria toda sua policromia, deixando-o na madeira crua. Infelizmente há várias obras da era colonial que tiveram sorte semelhante, como o retábulo do altar-mor da Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro e o monumental retábulo do Mosteiro de São Bento de Olinda, para ficarmos apenas nestes. Tal critério de restauração aconteceria ainda na própria imaginária, como é o caso de várias obras do período colonial, onde a "Nossa Senhora de Monserrat" de Agostinho da Piedade (1580-1621) é exemplo eloquente, mas não único.

Durante a restauração de 2001, Cláudio Valério e Domingo Isaac Tellechea utilizaram equipamentos sofisticados para perscrutar vestígios microscópicos de policromia na superfície da madeira e apurar os pigmentos utilizados em toda extensão da obra. A partir daí, descobriu sua policromia original e reconstituiu-se-a integralmente.

A imagem de São Lourenço, situada dentro do nicho principal, domina a parte central do retábulo. Entre o altar propriamente dito, marcado por curvas graciosas, onde o retábulo se apoia, e o arremate curvilíneo que coroa o nicho e os dois pares de colunelos, predomina um gosto clássico, com tendência ao

9. Cf. SUMMERSON, John. *A linguagem clássica da arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 2009 (Mundo da Arte)

emprego de linhas retas. No arremate superior, todavia, onde se encontra o painel de Nossa Senhora da Assunção, enquadrada por obra de talha sinuosa e adornada por florões, revela-se aquele encantamento lírico que se enlaça às formas barrocas.

É possível que o arremate superior tenha sido feito numa época posterior, talvez já nos anos 1700, quando o gosto barroco se apurava e se afirmava entre curvas serpenteantes. Percebe-se isso ao observar-se uma unidade de estilo na base desse altar e naquele outro da igreja do Colégio dos Jesuítas no Morro do Castelo, como também no do Seminário de Olinda, todos de autoria de Jorge Esteves (ativo na segunda metade do séc. XVI e início do XVII), reconhecido entalhador com o título de *faber lignarius*, sendo ele secundado por Francisco Dias (1538-1633). Sem dúvida todos eles foram executados pelo mesmo autor.

Mas o arremate superior tem uma personalidade bastante diversa nos três casos. No retábulo da igreja de São Lourenço, o coroamento tem curvas mais abertas, que percorrem a extensão de todo embasamento. Já no coroamento do retábulo de Santo Inácio de Loyola, as curvas têm um raio menor e organizam-se a partir de linhas de força piramidais. Em São Lourenço, as curvas são alambicadas; no de Santo Inácio, delirantes. A fatura de ambas dissociam-se radicalmente. O arremate da igreja de Olinda apresenta ainda uma solução mais inusitada e, das três, é a menos graciosa. Mas, em todos eles, o acréscimo posterior não prejudicou o conjunto da obra, onde o gosto maneirista parece reiterado pela presença dos dois estilos lindeiros.

O retábulo mostra-se-nos como obra de arte duma época de transição entre dois estilos: um, mais austero, utiliza-se de um vocabulário classicista, passando uma noção de equilíbrio e austeridade elegante, revelando-nos, todavia, uma



Retábulo da Igreja dos Jesuítas do Morro do Castelo, atualmente na Igreja de Nossa Senhora de Bonsucesso, situada atrás do Museu Histórico Nacional. O nicho onde originalmente se encontrava a imagem de Santo Inácio foi removido porque o retábulo mudou de lugar, muito certamente no século XVIII, quando um grupo escultórico monumental foi colocado com a imagem do Cristo Crucificado, Maria e João. Foto do autor

tendência ao excesso com colunelos dobrados e alguma textura decorativa; outro, marcado por soluções deliberadamente requintadas e adornadas, evoca um gosto pelo rebuscado e pelo complexo. É uma obra que traduz a época rica do século XVIII, com suas formas inusitadas, criativas e surpreendentes.

Da mesma forma que os retábulos, também existe continuidade entre três santos elaborados para as duas igrejas fluminenses: tanto São Lourenço, quando São Francisco Xavier e Santo Inácio apresentam detalhes anatômicos e no panejamento de suas vestes que demonstram ter sido entalhados pelo mesmo artista.

Considerações finais

A elaboração dos bens móveis e integrados dessas igrejas como a própria construção do edifício religioso foram feitas dentro de condições locais pouco favoráveis, com os recursos possíveis e com o envolvimento direto da população indígena. Muito embora a arte jesuítica viesse definida pelos cânones artísticos e arquitetônicos europeus, é importante se lembrar que os jesuítas envolveram o habitante da terra no trabalho de elaboração de esculturas, como evidenciou Kátia Bogéa¹⁰ ao se reportar às oficinas multiplicadoras criadas no Maranhão pelos padres da Companhia de Jesus e disseminadas entre os índios das várias regiões brasileiras.

A Igreja de São Lourenço dos Índios é um dos templos mais importantes do país, não exatamente pela sua antiguidade, mas pela riqueza artística e etnográfica de que é depositária. Entre os vários estilos vigentes na era colonial, o Maneirismo destaca-se por sua estreita relação com o clássico e com o Renascimento, sendo sempre raros os remanescentes de objetos artísticos desse estilo. O homem barroco, estilo que se seguiu ao Maneirismo, sempre motivado “pela maior glória de Deus”, com frequência sacrificava edificações e objetos artísticos de estilos anteriores, buscando otimizar o espaço litúrgico, fazendo-o mais eficaz na divulgação da palavra de Deus. O Barroco com frequência destruiu as expressões artísticas anteriores porque buscava alcançar condições melhores para difusão da Palavra de Deus. Não se tratava de um ato iconoclastico.

Como agravante, viriam tempos onde os ideais da conversão se perderiam, até que a influência do próprio cristianismo seria drasticamente reduzida. Depois do advento do liberalismo, as relações materialistas acabariam por ditar novas prioridades ao homem moderno e a religião não estaria mais no meio delas.

Dentro desse contexto, é quase um milagre que essa igreja tenha chegado a nossos dias com essa riqueza e sobretudo integridade que ela apresenta.

10. Cf. BOGÉA, Kátia. *Olhos da Alma: escola maranhense de imaginária*. São Luís: Del Autor, 2002.

Bibliografia

- ALVIM, Sandra. *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro: revestimentos, retábulos e talhas*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Minv-Iphan; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1997.
- ALVIM, Sandra. *Arquitetura Religiosa Colonial no Rio de Janeiro: plantas, fachadas e volumes*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ; IPHAN; Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1999. Vol. II
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984. 96 p., il. p&b. color. (Obras completas de Mário de Andrade, 12).
- ARTE no Brasil. São Paulo: Abril Cultural, 1979. 2v.
- AYRES, Janaina de Moura Ramalho Araújo. As Pinturas de Forro dos Altares do Transepto da Igreja de São Francisco de Assis de Salvador: uma outra espacialidade. In: FERREIRA-ALVES, Natália Marinho. (Org.). Disponível em <http://www.cepese.pt/portal/investigacao/livro-os-franciscanos-no-mundo-portugues-ii-as-veneraveis-ordens-terceiras-de-sao-francisco>. 1ed. Porto: CEPES - Centro de Estudos da População, Economia e Sociedade, 2012, v. 1, p. 113-124.
- BAZIN, Germain. *Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, [1983]. 2 v.
- BENISOVICH, Michel. Os primeiros pintores do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 230, p. 442-7, jan./mar. 1956.
- BOGÊA, Kátia Santos; RIBEIRO, Emanuela Souza; BRITO, Stella Regina Soares de. *Olhos da alma*. São Luís: IPHAN, 2002.
- BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial / John Bury*; organizadora Myriam Andrade Ribeiro de Oliveira. – Brasília, DF : IPHAN / MONUMENTA
- CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. *Utopia e realidade: Real Colégio de Jesus da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro*. In: _____. (org.) *A forma e a imagem*. Rio de Janeiro: PUC – Rio, [s./ data]
- CARVALHO, Anna Maria Fausto Monteiro de. *Mestre Valentim*. São Paulo: Cosac & Naify, 1999. 122 p., il. color. (Espaço da arte brasileira).
- CARVALHO, Benjamim de A. *Igrejas Barrocas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- CAVALCANTI, Carlos. *Dicionário Brasileiro de Artistas Plásticos*. Brasília: MEC/INL, 1974.
- COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil. *Arquitetura Religiosa: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 6, FAUUSP e IPHAN, 1978.
- DICIONÁRIO Manuel Querino de arte na Bahia / Org. Luiz Alberto Ribeiro Freire, Maria Hermínia Oliveira Hernandez. – Salvador: EBA-UFBA, CAHL-UFRB, 2014. Disponível em <http://www.dicionario.belasartes.ufba.br/wp/verbete/> Acesso em 05 jan. 2020
- HALBWACHS, Maurice, *Les cadres sociaux de la mémoire*, 1994. p. 86-87
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: José Olympio, 1936.
- LAMEIRA, Francisco; SERRÃO, Vitor. O retábulo em Portugal: o Barroco pleno (1669-1713). *Promontoria: Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade do Algarve*. N.º 2, 2004, pp. 63-96. Disponível em <http://hdl.handle.net/10400.1/7477>, acesso em 28 jan. 2018.
- LAMEIRA, Francisco; SERRÃO, Vitor. O retábulo protobarroco em Portugal (1619-1668). *Promontoria: Revista do Departamento de História, Arqueologia e Patrimônio da Universidade do Algarve*. N.º 1, 2003. pp. 63-96.

LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil: 1549-1760*. Lisboa: Brotéria; Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1953.

LEMOS, Carlos et al. *Arte no Brasil*. São Paulo: Abril Cultural, 1976, vol. 1.

NAKAMUTA, Adriana Sanajotti (org.) *Hanna Levy na SPHAN: História da Arte e Patrimônio*. Rio de Janeiro: IPHAN/DAF/Copedoc, 2010.

OLIVEIRA, Myriam A. Ribeiro de, *O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

REAL, Regina M. *Dicionário de Belas-Artes: termos técnicos e matérias afins*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.

SANTOS, Paulo F. *O barroco e o jesuítico na arquitetura brasileira*. Rio de Janeiro, Kosmos, 1951.

SANTOS, Paulo F. *Quatro séculos de arquitetura*. Rio de Janeiro, IAB, 1981.

SILVA TELLES, Augusto C. *Atlas dos monumentos históricos e artísticos do Brasil*. Brasília: MONUMENTA / IPHAN, 2008.

SMITH, Robert Chester. *Robert Smith e o Brasil*, In REIS FILHO, Nestor Goulart. (org.) vol.1 - Arquitetura e Urbanismo. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/robert_smith_e_o_brasil_vol1_parte1.pdf, acesso em 31 maio 2024. Smith, Robert Chester. *Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo / Robert Chester Smith; organização, Nestor Goulart Reis Filho*. -- Brasília, DF : Iphan, 2012. 376 p. : il. ; 26 cm

SUMMERSON, John. *A linguagem Clássica da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1999

TOLEDO, Benedito Lima de. Do século XVI ao XIX: maneirismo, barroco e rococó. In ZANINI, Walter. *História Geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Fundação Walter Moreira Salles, 1983. 2 vol. il. (pp. 88-319).

SILVEIRA, Jorge Roberto. [Apresentação] In: NITERÓI. *Restauração da Igreja de São Lourenço dos Índios*. Niterói: Prefeitura de Niterói; Ministério da Cultura, 2001.

TERRA SANTA. *História de São Lourenço*. Disponível em <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-sao-lourenco/152/102/>, acesso em 05 maio 2024.



EXPOSIÇÃO

NITERÓI

em postais

PAISAGENS, TRANSFORMAÇÃO,
ENSINO E RELIGIÃO

Curadoria Luiz Carlos Ramiro Junior
Coleção de Breno Zarranz

••• 25 e 26 de junho de 2024 •••

Clube Português de Niterói



A exposição *Niterói em Postais: paisagens, transformação, ensino e religião* é baseada na coleção privada de cartões postais da cidade, pertencente ao antiquarista Breno Zarranz. A cidade é apresentada por meio de três temas principais: ensino e religião, paisagens naturais e transformação urbana. Em todos procurou-se manter a originalidade do cartão postal, como forma de lembrança, comunicação e afeto entre as pessoas, por isso pouco se alterou do conteúdo original, mantendo-se as correspondências na frente e no verso de cada objeto.

Os postais retratam a persistência da fé e a vanguarda da educação salesiana, em contraste com as mudanças urbanas. As paisagens naturais revelam Niterói como um paraíso intocado no passado. A exposição oferece uma visão fascinante da história e da evolução contínua de Niterói, celebrando os 450 anos da cidade em 2023.

A seleção revela as diversas facetas de Niterói. Desde sua fundação, com a alegoria a Araribóia, até as heranças religiosas, os prédios históricos e a cultura praiana. A vida em família, a cidade como acolhedora de famílias, é outra identificação de Niterói. A integridade com a baía de Guanabara é evidenciada por sua rede de fortificações, a presença militar e a exuberância natural, destacando a pré-urbanização da cidade.

A exposição também destaca os aspectos pelos quais a cidade é conhecida, como a cidade dos esportes náuticos e a importância da vela. Além disso, apresenta capítulos da história industrial do Brasil, desde o pioneirismo no século XIX até o declínio das indústrias no século XX.

A diversidade geográfica da cidade é explorada, desde as praias de Icaraí, Flechas e São Domingos, até locais menos conhecidos como Jurujuba e Barreto. A relação com o Rio de Janeiro é ressaltada pelas barcas e pela Ponte Rio-Niterói, evidenciando, através dos meios de transporte, a movimentação crescente da cidade.

Os desafios enfrentados por Niterói, como o crescimento populacional, a verticalização, o aumento da criminalidade e a perda da tranquilidade desde os anos 1980, são dimensões percebidas pelo próprio "enfeimento" dos postais mais recentes. Percebe-se como os altos e baixos do Brasil e do Rio de Janeiro igualmente afetam este "outro lado da poça".

Luiz Carlos Ramiro Junior, curador

Os cartões postais

Os cartões postais se tornaram meios de comunicação, lembrança e propaganda, difundindo a imagem de lugares, especialmente com apelo turístico e memoria-lístico. Há versões conflitantes sobre a sua origem. Segundo uma delas, o norte-americano H. L. Lipman, em parceria com J. P. Charlton, patenteou o "Lipman's Postal Card" em 1862. Outra sugere que a ideia foi apresentada por Heinrich Von Stephan, diretor dos Correios da Confederação da Alemanha, em 1865.

O Brasil oficializou o uso dos cartões postais por meio de um Decreto datado do ano de 1880. No país, os primeiros cartões postais eram exclusivamente oficiais e já incluíam os selos. Posteriormente, foi autorizada a impressão pela indústria, permitindo a circulação pelos Correios, após o devido selamento.



Frente e verso de Cartão Postal da Praia da Boa Viagem, Niterói, c. 1901

A imagem desempenhou um papel crucial na apresentação do Brasil ao mundo desde o século XIX, quando o Rio de Janeiro já era uma das regiões mais iconografadas do mundo e, em seguida, uma das mais fotografadas. O apelo da imagem foi evidente, para bem e para mal, desde os primeiros guias de viagem, até as tentativas mais toscas para atrair turistas – como a veiculação de postais com mulheres seminuas e biquíni fio dental nos anos 1980.

A Coleção Breno Zarranz, permite perceber como a cidade se tornou uma propaganda do Brasil e do Rio de Janeiro. Apesar das características distintas de cada lugar, a baía de Guanabara unifica a região. As fortificações de Niterói contribuem para a defesa da "entrada do Brasil", assim como no Rio, onde o que era icônico localmente tornava-se nacionalmente reconhecido. A Pedra

de Itapuca, em Icaraí, já serviu como a imagem emblemática do Brasil, assim como o Barão do Rio Branco, nosso maior diplomata, a colocou no centro de seu *ex-libris*, com o Rio ao fundo.



Lembranças de família também são postais – Cartão Postal de uma família posando para foto na frente do casarão, na praia de Icaraí, Niterói, c. 1911¹¹



São Domingos, Niterói, c. 1903

11. Embora possa não ser o caso de uma família estrangeira, imigrante, é importante notar que Niterói recebeu muitas famílias europeias que vieram fazer residência, como alemães, ingleses, italianos, espanhóis, libaneses e, sobretudo, portugueses. A respeito dos alemães e ingleses vale conferir a tese de Bezerra, Maria Cristina Caminha. *Britânicos e alemães em Niterói: um estudo de imigração urbana*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História, 2015.



Traços históricos de Niterói

Niterói é uma espécie de espelho do Rio de Janeiro e do Brasil. Lugar de vanguardas, de antecipações, da identificação do país com o mar e com a terra. O estabelecimento dos portugueses no Brasil não teria ocorrido sem a vitória no Rio de Janeiro, que por sua vez não teria sido bem-sucedida sem a participação de Niterói, pela liderança de seu maior herói, o índio Araribóia, depois batizado Martim Afonso de Sousa. Niterói é a única cidade brasileira oficialmente fundada e batizada por um índio.

Em 22 de novembro de 1573, Niterói foi oficialmente fundada com a posse das terras por Araribóia e seu povo. Os temiminós, convencidos a não retornar ao Espírito Santo, permaneceram na baía de Guanabara para defender o Rio de Janeiro, sob orientação espiritual do padre José de Anchieta, no Morro de São Lourenço. No século XVI, uma capela foi erguida, que existe até hoje em arquitetura colonial. Ali ocorreram as primeiras representações teatrais no território fluminense, expressando o heroísmo, a integração entre portugueses e nativos, e a redenção cristã.

Icaraí com a Fortaleza de Santa Cruz,
c. 1905

No alto: Entrada da Barra vista de fora,
Rio de Janeiro, c. final séc. XIX



Em 10 de maio de 1819, um alvará régio de dom João VI elevou o território à condição de vila. O Brasil era Reino, com dom João VI estabelecido do outro lado da baía. A Vila da Praia Grande de São Domingos foi descrita como “uma tão bela povoação” pelo Padre Perereca. Em 11 de agosto de 1819, veio a autonomia político-administrativa, com a instalação da Câmara Legislativa da Vila Real da Praia Grande e a realização do Te Deum na capela de Nossa Senhora da Conceição.

Com a Regência, o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834 deu autonomia à Província do Rio de Janeiro, escolhendo a Vila da Praia Grande como capital. Em 1835, a vila foi elevada à cidade com o nome Nichteroy. Em 1841, dom Pedro II concedeu à cidade o título de Imperial.

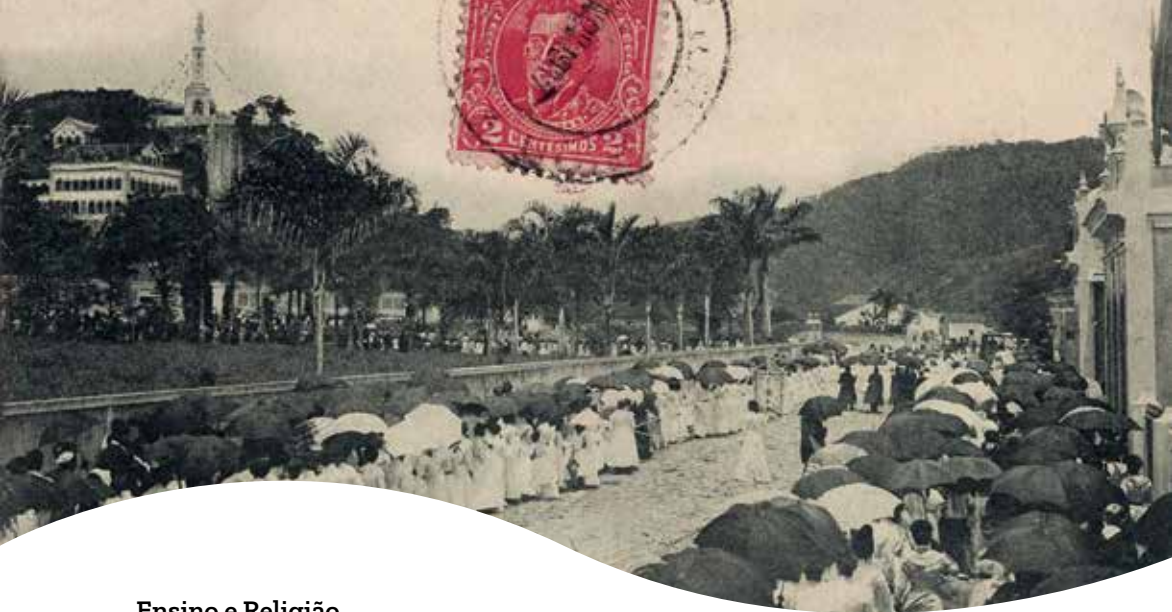
Gustavo Barroso explica que “Y-i-teroy” significa “água que se esconde”, originando o nome Niteroy.



Praça Martim Afonso, com o busto do índio Araribóia ao centro, c. 1940



Comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, expressando o bom envolvimento entre a República do Brasil e a República de Portugal, com imagem a partir de Icarai, Niterói e o Rio ao fundo, 1922



Ensino e Religião

Niterói foi frequentemente retratada como um centro de formação católica e devoção religiosa. No início do século XX, imagens dos estudantes do Colégio Salesiano Santa Rosa, fundado em 1883, eram comuns. Em 8 de dezembro de 1900, foi inaugurado o Monumento Nacional Mariano, a estátua de Nossa Senhora Auxiliadora. Trata-se de uma referência maior, inclusive pelo fato de que o Cristo Redentor foi erigido olhando para ela.

As igrejas e procissões destacam a relação da religião com a história de Niterói. O ensino católico, pela vanguarda dos salesianos e de outros cristãos, influenciou as manifestações de civismo e devoção mariana.

A tradição educacional de Niterói se expressou em outras instituições, como a Escola Henrique Lage e a Universidade Federal Fluminense. Outro aspecto importante é Nossa Senhora da Boa Viagem, associada à icônica ilha da cidade. Poucas representações da Igreja de São Lourenço dos Índios foram encontradas, mas há da Igreja Matriz de São Lourenço da Várzea e da Igreja de São Francisco Xavier, com a antiga Gruta de Nossa Senhora de Lourdes, erguida em 1913 e demolida em 1982.

A escolha do padroeiro da cidade ainda é motivo de debate, com algumas fontes indicando São Lourenço em vez de São João Batista, celebrado em 24 de junho.

No alto: Colégio Salesiano "Santa Rosa" em romaria mariana, c. 1917



Colégio Salesiano Santa Rosa recebe em visita o Exmo. Sr. Presidente da República, provavelmente Arthur Bernardes, c. 1908

Abaixo: Colégio Salesiano de Niterói após a visita ao Sr. Presidente



Ensino profissional técnico do Colégio Salesiano em Exposição Anual, Niterói, 1925



Em honra a Nossa Senhora Auxiliadora, padroeira da Diocese de Niterói, com imagens do próprio monumento e da basílica, tendo ao fundo o Rio de Janeiro, c. 1936



Nossa Senhora da Boa Viagem, em alusão ao 2º Congresso Eucarístico Diocesano de 1954. Destaca-se ainda que era Ano Mariano

Altar Monumental Privilegiado, do Monumento a Nossa Senhora Auxiliadora, em Santa Rosa, Niterói, c. 1908





Paisagens Naturais

Lugar comum é dizer que Niterói tem a melhor vista do Rio. Como do Rio se pode ter o belo contorno do litoral niteroiense. E é bem verdade que Niterói foi usada como imagem do Rio e do Brasil, pela mesma exuberância natural, mas com um ingrediente a mais: o ar bucólico, as águas tranquilas da baía, o ambiente provinciano.

De Botafogo assim se via: “Em frente à enseada fica do outro lado da baía Niterói o Saco de Jurujuba, distinguindo-se na entrada, à esquerda de quem a olha, a igreja e a fortaleza de Boa Viagem”¹².

No alto: Ilha da Boa Viagem, Niterói, colorido, s/d

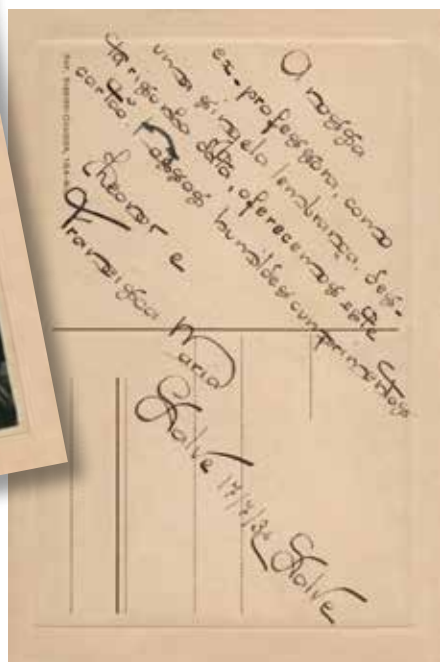
Praia de Icaraí, com destaque para a pedra de Itapuca e o Rio de Janeiro no fundo. Fotografia de Marc Ferrez, c. 1914



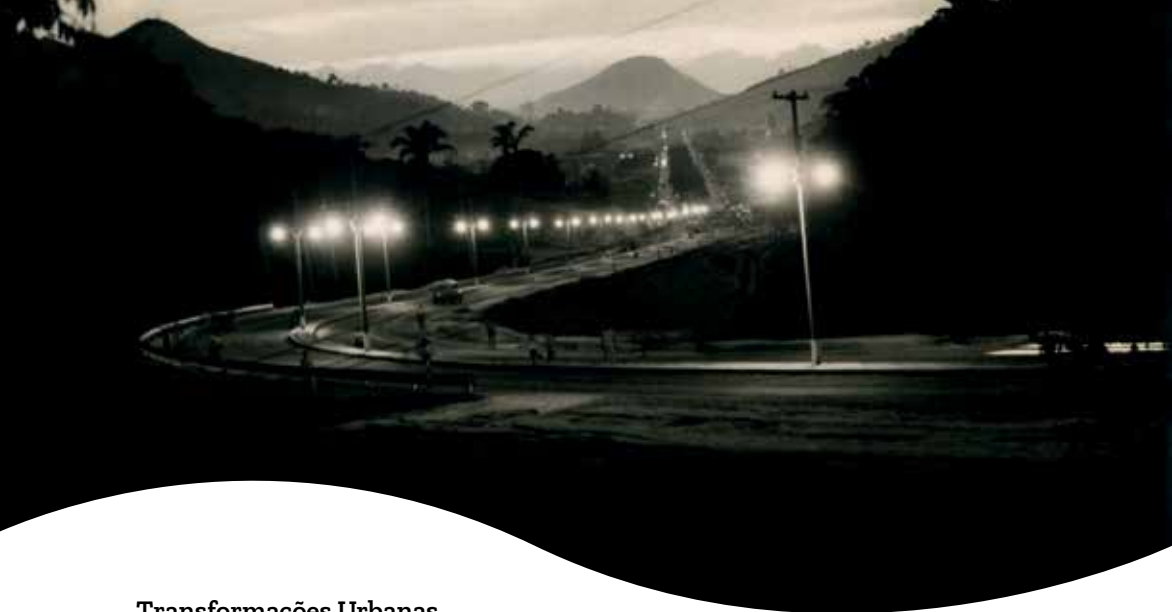
12. Cabral, Alfredo do Vale, 1851-1894. *Guia do viajante no Rio de Janeiro: acompanhado da planta da cidade, de uma carta das Estradas de Ferro do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo e de uma vista dos Dois Irmãos*. Ed. rev. e anotada por Luiz Carlos Ramiro Júnior. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2023, p. 295.



Canto do Rio em Niterói, entre palmeiras, com vistas para o Rio, c. 1936



Curiosa rocha em Icaraí" em destaque, com a pacata Niterói ao fundo. O documento é uma recordação do Centenário da Independência do Brasil, em 1922



Transformações Urbanas

Explosão populacional no século XX: em 1920, a cidade contava com 82 mil habitantes. Trinta anos depois, em 1950, a população atingia cerca de 188 mil pessoas. Nos anos 1960, o número dobrou, e em 1970 triplicou, chegando a 324 mil. Em 1980, já eram quase 400 mil habitantes, alcançando 426 mil nos anos 1990, 482 mil em 2010 e 515 mil em 2020, segundo dados do IBGE.

A travessia das barcas e a ponte Rio-Niterói

"As Barcas Ferry constantemente levam a população a salvo a Niterói, onde o viajante acha ainda o bonde como a persegui-lo, e que lhe faculta percorrer, em poucas horas e em todas as direções, a capital da província. Durante a viagem, tem-se ocasião de admirar um dos mais belos panoramas que pode haver – a travessia da formosa baía de Guanabara".¹³

No final do século XIX, as barcas Ferry saíam do cais Pharoux e atracavam em São Domingos, com horários das 4h30 da manhã até 1h20 da madrugada, intervalos de 15 a 30 minutos, algumas com escala. O caminho inverso era similar.

No século XX, as barcas também transportavam automóveis. A travessia mudou em 1975, com a inauguração da ponte Presidente Costa e Silva, trazendo uma nova dinâmica entre Niterói e o Rio

13. *Ibid.*, p. 55.

No alto: Rodovia Amaral Peixoto, foto noturna, c. 1950. Criada nos anos 1940 com o prefixo de RJ-5, atualmente sendo a RJ-106, a rodovia liga Niterói a diversos municípios do interior até Macaé



Canto do Rio, Niterói, c. 1900



Trampolim da praia de Icaraí, Niterói, c. 1940. O trampolim da Praia de Icaraí foi inaugurado em 1937 na altura da Rua Lopes Trovão, a 30 metros da areia e com 15 metros de altura. Foi demolido em 1964, quando já era bastante perigoso à população, pelo desgaste estrutural.

Barca Ferry com transporte de veículos, "Frota Carioca", em meio à travessia, c. 1950





Club Internacional de São Domingos, Niterói, c. 1890. O Club Internacional reunia “a sociedade niteroiense com o escol das colônias estrangeiras”. Era uma espécie de “salão” da sociedade, de entretenimento e encontro, com recitais, concertos e declamações



Ponte Central, Desembarque das barcas em Niterói, c. 1905



Postal do Colégio Salesiano “Santa Rosa”, com o Monumento a Nossa Senhora Auxiliadora e uma visão aérea de Niterói, final do séc. XIX

Niterói, o conhecimento e a projeção inovativa

Um dos clássicos sobre a história de Niterói é *Niterói, Cidade Sorriso, a história de um lugar* (1984). Carlos Wehrs expressa pesar pela queda de Niterói justo nos seus 400 anos, em 1973. Aos festejos daquele ano a inauguração da ponte Presidente Costa e Silva, em março de 1974. Mas no março seguinte, de 1975, a fusão do estado da Guanabara com o estado do Rio de Janeiro, tirando de Niterói o título de capital.

Niterói perdeu, como o estado fluminense, o Rio de Janeiro, que já havia deixado de ser formalmente capital federal em 1960, e sofreu ainda mais com a (con) fusão de dois entes em um só.

Essa confusão nos leva a uma reflexão sobre o destino de Niterói. O desafio de uma cidade inovadora. Para tal deve aproveitar e restaurar o que já fez de melhor: a excelência educacional e busca pelo bem-estar, reivindicando sua capitalidade. Historicamente, a cidade teve marcos no desenvolvimento científico e industrial, contando com instituições e personalidades de primeira ordem.

Na Ponta da Areia, o pioneirismo industrial de Irineu Evangelista de Sousa (futuro Barão de Mauá). Mais tarde outro vanguardista das artes mecânicas, Henrique Lage. Na política, a mais alta das elaborações humanas (pelo menos assim deveria ser), as terras fluminenses foram lugar de elevadas projeções



Quatro imagens em um postal, colorida, c. 1940. A Avenida Amaral Peixoto, inaugurada em 1916. A praia do Canto do Rio. A ilha da Boa Viagem. E, o Hotel Balneário Casino Icarahy, inaugurado num palacete em 1916, depois reconstruído em 1939, rivalizando com o Cassino da Urca, teve seu fim em 1946, com a proibição do jogo no Brasil, mantendo-se como hotel e restaurante até 1967, sendo incorporado à Universidade Federal Fluminense.

ao Brasil. O Patriarca José Bonifácio de Andrada faleceu aqui, onde deixou seu coração. O ideal de um Brasil estatalmente forte foi a antevisão "saquaremista" de Paulino Jose Soares de Sousa (Visconde do Uruguai) e Joaquim José Rodrigues Torres (Visconde de Itaboraí). No século XX a afirmação nacional traçada na pena de Oliveira Viana, gigante da Sociologia brasileira. Ao mesmo tempo, e seguindo a máxima "*corruptio optimi pessima est*", foi em Niterói que o Partido Comunista Brasileiro foi fundado, em 25 de março de 1922.

No ensino, o Colégio Salesiano Santa Rosa e o Instituto Vital Brasil são exemplos que contribuíram significativamente para a trajetória de produção de conhecimento e pesquisa. Do mesmo modo o Liceu Nilo Peçanha e as escolas da rede FAETEC, que desempenharam papéis fundamentais na formação científica, técnica e profissional. Além disso, a presença de diversas escolas e faculdades privadas, bem como da renomada Universidade Federal Fluminense (UFF), elevaram a posição de Niterói como um polo educacional e de pesquisa no país.

Instituições como o Colégio Salesiano Santa Rosa, o Instituto Vital Brasil, o Liceu Nilo Peçanha e a Universidade Federal Fluminense (UFF) contribuíram significativamente para a educação e pesquisa. Niterói destaca-se na indústria naval, na base da Marinha do Brasil, e na saúde, com serviços médicos de alta qualidade.

O desafio político está em projetar a "capitalidade" (perdida) da *Imperial Cidade de Niterói*, dessa liderança fluminense, e revelar sua originalidade. Uma das formas é justamente pela afirmação fluminense. Para isso é integrar o município ao estado, realizar ações do estado fluminense pela "capital fluminense", desconcentrando a presença do estado na capital carioca.

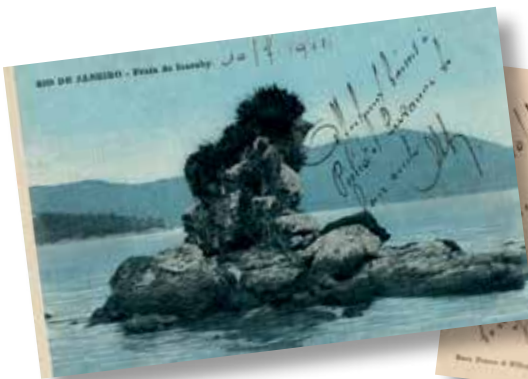
A ideia de uma dupla capitalidade no estado, por si só, é uma inovação, uma projeção e uma provocação intelectual e política. Trata-se de um salto diante da mediocridade, da elite local não ter se perguntado e ter se (mal) acostumado com o rebaixamento de 1975, quando Niterói deixa de ser capital para se igualar às demais localidades da metrópole carioca.

O fato de a Secretaria de Agricultura do estado ter sua sede na Alameda São Boaventura, não deixa de ser um enclave dessa capitalidade que restou. Este evento, como demais ações do governo do estado do Rio de Janeiro, apresentam marcos na promoção da ciência, tecnologia e inovação em Niterói.

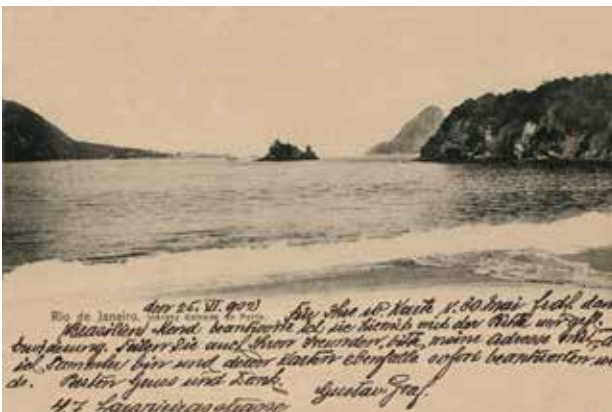
* * *



Restaurante no Rio de Janeiro com vista para a baía de Guanabara, tendo como fundo Niterói, c. 1940



Praia de Icaraí, imagem colorida, c. 1911



Icaraí, com vistas para o Rio, c. 1902



*Procissão de barcos (talvez São Pedro) e,
ao fundo, a construção da ponte Presidente
Costa e Silva (Rio-Niterói), c. 1973*



*Família na praia de Icaraí,
Niterói, c. 1920*

*Praia de Icaraí –
Pedra do Índio, c. 1960*



ficha catalográfica